

Quando você for no Cemitério Militar de Pianosa para, junto à campa de qualquer um dos bravos que ali estão, prestar a sua homenagem a todos os que morreram honrando a nossa bandeira, não pergunte ao sargento zelador onde se encontra a sepultura do cabo Agostinho, porque "ele ali não forma junto aos companheiros abatidos na batalha", como diria Euclides. O seu cadáver perdeu-se sob quaisquer escombros, perdeu-se no fundo de alguma ravina, perdeu-se sob o acúmulo da neve que então caía sobre a frente. Não se perdeu, porém, a sua história, sem dúvida banal, mas que revela um coração, expõe uma alma, e esta, se você quiser ouvir, eu mesmo lhe contarei.

Como vim a conhecê-la? Ora, quando ali estive, logo após a guerra, o sargento zelador, que foi da mesma companhia de Agostinho, sabendo-me um seu conterrâneo, contou-me a história.

— Era um sujeito esquivo. Está por aí... — disse o sargento, fazendo um gesto largo que, além da cerca branca do cemitério, indicava a Itália inteira.

— Deve estar por aí... — murmurei eu, passando o olhar pelas encostas das montanhas próximas onde se aninhavam alvos casais e cujos ombros se escondiam numa leve neblina que, rebulindo ao sol da manhã, dispersava-se nas alturas.

— Não resta dúvida de que era um bravo. Está por aí — tornou o sargento e, pondo a mão sobre o peito, acrescentou: — Aqui, tenho comigo apenas a sua história...

11

Durante o inverno, duas cousas apenas alegravam, realmente, os corações dos soldados, o sol e o correio. O sol trazia a luz e o calor, de que não podiam desacomodar-se os filhos dos trópicos, o correio as cartas, as revistas, os jornais, os pacotes, que davam um novo ânimo aos corações de uma raça de sentimentais.

Tanto para o sol como para o correio era preciso tempo, mas no inverno este não faltava a ninguém. Naquela tarde, depois de quatro dias de nevasca e de uma semana sem correspondência, o sol como que trouxe o correio. Foi uma festa quando um brilho entre as nuvens e rompeu luminosamente o espaço e o outro, um "jeep" de mau aspecto, também veterano nas duras lides da campanha, entrou buzinando pelo acampamento e, saltando como uma cabra danada, foi parar lá junto à cantina, onde, de braços abertos, numa assuada alegre, o cercaram os soldados.

De cima do "jeep", em pé, mergulhando a mão num saco de lona parda e dali tirando a correspondência, o sargento, um mulato gordo e baixote, ia gritando pau-

ATO DE BRAVURA

Pedro Pereira Martins

sadamente, numa voz quase feminina, os nomes dos destinatários. Cada soldado, ao receber a sua carta, o seu pacote, deixava logo transparecer no rosto, iluminado por um sorriso franco, sombrio ou apático, a sua satisfação, a sua tristeza ou, mesmo, a sua indiferença ante as "novas" de que tomava conhecimento lá a um canto, solitariamente, entre risos, num grupo de amigos, ou de que não queria saber, metendo a carta no bolso sem ao menos olhar a letra do sobrescrito ou, no verso, o nome do remetente.

E havia, ainda, aqueles que não recebiam carta alguma. Não eram muitos, mas se a guerra não acabasse logo, ao cabo de algum tempo já não seriam poucos. Era para esses que o correio trazia sempre um monte de revistas e jornais, jornais que, invariavelmente, noticiavam vitórias aliadas e previam o fim próximo da guerra, e revistas em que, desde a capa, sumariamente vestidas ou inteiramente nuas, as "boas" de todos os tipos sugeriam o que haveria de melhor no mundo melhor de que falavam os estadistas.

A Itália inteira estava cheia de garotas alucinantes, mas eram pobres criaturas que não podiam amar porque passavam fome, passavam frio e, em casa, com fome e com frio, tinham os pais e os irmãos pequenos. O preço de um beijo era um tablete de chocolate, um pacote de bolachas... Coisas impossíveis obtinham-se com uma lata de leite, um maço de cigarros, um pedaço de pano... Por amor, por simples amizade, pelo gosto da aventura ou apenas por safadeza não se conseguia sequer um mero olhar de simpatia. As "boas" das revistas serviam então à idealização da amada que, na pátria distante, estaria ansiando pela volta do companheiro, que lhe escreveria longas cartas cheias de ternura e de saudades, que estaria rezando para que nenhum mal lhe sucedesse, caso a guerra não tivesse vindo tão repentinamente e, antes, a tivesse encontrado nos caminhos de sua vida.

Há já três meses que Agostinho levava do correio apenas os seus jornais e a sua revista. Naquela tarde, porém, tinha certeza de que viria uma carta, aquela carta cujo nome do destinatário, numa letra miúda e má, o sargento tinha dificuldade em ler.

— Agostinho ou Afonsinho...

— É Agostinho! Sou eu! Sou eu, sargento!

— É carta de mulher! Se ela sabe como você se tem portado aqui, não lhe escreve mais!

As risadas estouraram num estalo geral e Agostinho com o coração aos pulos, os olhos brilhantes, saiu apressadamente à procura de um lugar solitário, onde em sossego pudesse ler a sua carta. Oh! Mas que era aquilo?! Lágrimas afluíam-lhe aos olhos, uma tremura esquisita corria-lhe o corpo. Que coisa! Precisava conter-se!... Sim, ela não deixaria de lhe escrever! Por que haveria de deixar?! Não havia motivo!... O coração freava-lhe dentro do peito, ria-se, chorava, levando aos lábios o envelope cujo perfume já quasi imperceptível de violentas prenunciava o encanto das notícias.

Procurando um recanto para ler a carta, Agostinho sentia sob os passos, na neve, o mesmo ruído seco dos pedregulhos que cobriam as alamedas da Praça da Matriz, quando nos primeiros tempos de namoro ia com ela, todas as tardes, passear ali à sombra das magnólias. Nessas ocasiões tentava apanhar-lhe a mão, que ela, com um sorriso enleado, lhe subtraía cruzando os braços.

— Sinta o perfume! As magnólias estão desabrochando! — dizia ela, assustada, ao fazer-se noite. — Vou-me embora! — e fugia sem mais uma palavra.

Um dia um aguaceiro repentino obrigara-os a se refugiarem na igreja, e lá dentro, como estivessem a sós, beijáram-se a primeira vez. Ela ficara vermelha, tão vermelha quanto o vestido que trazia. Era então uma menina de quinze anos. Beijá-la-lhe outra vez ali quatro anos depois, no dia de seu casamento, e ela estaria branca, tão branca quanto o seu vestido de noiva. Não estava ainda em condições de se casar, mas ela lhe demonstrara cabalmente que com o pouco dinheiro que ele ganhava poderiam viver mais ali a larga, e ter o seu ranchinho, e, mais isso, mais aquilo e, num futuro próximo, ter até o seu carrinho, um desses carrinhos ingleses...

Depois de casado, constatara, friamente, que o ranchinho, o carrinho inglês e mais uma porção de coisas mais acessíveis ficariam, para sempre, tão somente nos sonhos da esposa.

Ele mesmo, contudo, gostava às vezes de fazer os seus ranchos no ar, já que não lhe era dado construir castelos. Então a esposa intervinha e, ao lado do rancho — uma casa modesta, mas bonita e confortável, branqueando, nos fundos de um terreno amplo, sobre um espesso tapete de grama — erguia, imediatamente, a garagem para o carrinho inglês...

— O carro ou a casa! — propunha ele com gravidade.

— Mas é um carrinho pequeno! Barato, econômico!...

— O carro ou a casa!!!...

— Oh! A casa!... A casa antes de mais nada! — dizia ela, então, vindo sentar-se nos seus joelhos e abraçando-o. Um grande beijo selava a breve e tóla controvérsia. Que jamais tivessem a casa, que nunca possuissem um carro, mas que nunca jamais faltassem um ao outro na sinceridade de seu amor.

A sogra, que morava com eles, ria-se daqueles assomos de ternura da filha, e observava com bonomia:

— Vocês precisam é de um nenêzinho antes de mais nada!...

Ele também pensava assim. Ela, porém, lera algures que os filhos diminuam ou modificavam o amor dos casais e não os queria.

— Desejo que a nossa lua de mel seja eterna — dizia aninhada no seu colo e passando-lhe as mãos pela face numa carícia ingênua.

Fazia agora um ano e quatro meses que partira e um ano exatamente que estava em campanha. Muitas vezes se vira braço a braço com o inimigo e este não o vencera em firmeza e denodo, mas há duas semanas, integrando uma patrulha que, aproveitando a noite, se insinuara afoitamente até junto às suas linhas e fora por ele pressentida, deixara-se estarrecer ante a sua feroz reação. Tivera ímpetos de fuga, mas uma parálise repentina e total estaqueara-o no terreno. Era como uma figura de pedra em meio aos clarões súbitos e intermitentes das granadas que explodiam próximas. Naquela imobilidade atônita, os olhos esgazeados perscrutando a direção e o efeito do fogo inimigo, a metralhadora inútil nas mãos crispadas, um suor gelado a banhar-lhe o corpo,

até a voz lhe faltava para invocar o nome de Deus. Cocidos ao solo, deslizando furtivamente pelas dobras do terreno à procura de melhor abrigo, os companheiros o chamavam, para junto de si e lhe gritavam que se protegesse. Ele não os ouvia e tinha-se a impressão de que se comprazia em servir de alvo à mira do inimigo. O comandante da patrulha, um aspirante ainda imberbe, viera então socorrê-lo e, pela mão, como se levam as crianças a passeio nas ruas movimentadas das cidades, conduziu-o para junto do grupo, que se refugiava atrás de uns alicerces abandonados.

Desde então, não obstante o arrefecimento da luta, que a rigorosidade do inverno pouco a pouco acentuava, todos as outras missões eram levadas a cabo, novos recantos se verificavam, veteranos iam morrendo e praças novas lhes vinham preencher os claros, mas não se convocava o soldado Agostinho nem sequer para ir desacar batatas nos serviços de rancho. A Companhia, o Batalhão, o Regimento inteiro parecia ignorá-lo desde então. Ele era um covarde. Aguardava agora, a todo o instante, que o mandassem chamar para, após o expediente e as obrigatórias de praxe, excluir-se do Exército. Não esperava outra coisa e, sinceramente, não desejava outra coisa, porque, na verdade, não saberia o que dizer se, para puni-lo com menos severidade, apenas lhe pedissem satisfações sobre o seu procedimento naquela patrulha. De certo que não lhes poderia dizer que fora a falta de notícias da esposa... Não! Não lhes poderia dizer isto!... Não! Não lhes poderia dizer que recearia não tornar a vê-la!... Não! Não lhes poderia dizer que a amava mais que a tudo!... Não! Não lhes poderia dizer nada!... Preferia ser excluído! Queria ser excluído! Seria a desonra, sem dúvida, mas essa não lhe trancaria a estrada, não lhe fecharia o mar, não lhe taparia os céus, nos caminhos de seu lar.

Fizera-se noite. O céu, agora límpido, estava cheio de estrelas e um vento frio, que vinha do norte, ruflava as lonas das barracas, as roupas que enxugavam nas cordas e, no topo de seu mastro, o bandeira nacional, para a qual se erguiam em lassas espirais os pedaços repicados da carta de Agostinho.

III

Os jornais não mentiam. A guerra, com efeito, terminou logo e, um ano após, no dia do primeiro aniversário da vitória, o Presidente da República, em tocante cerimônia realizada nos jardins do Palácio do Governo, fez a entrega de algumas condecorações especiais.

Entre os que as deviam receber, procurando alinhar-se na formatura difícil a que as bengalas, as muletas e as cadeiras de rodas, davam um aspecto patético, destacava-se um linda e alegre pequenita. Era a viúva do Cabo Agostinho que viera, com a filhinha, receber a condecoração — a MEDALHA POR ATO DE BRAVURA EXCEPCIONAL — que se lhe conferira "post-mortem" e que o Presidente, com lágrimas nos olhos, prendeu na camisolinha branca da pequerrucha.

000